

As PERSONABITHs¹

The PERSONABITHs

Pedro Gazu*

Deixo aqui esta página com o fim único de me lembrar que o caso também é corregedor de mentiras. Um homem que começa mentindo disfarçada ou descaradamente acaba muita vez exato e sincero.

("21 de maio", *Memorial de Aires*, de Machado de Assis)

Aqui, para iniciar a labuta textual, parto do comentário feito por uma colega ao falar do mesmo objeto, os *Personcontos*: "A princípio, quando cogitei escrever sobre eles, não percebi a complexidade da tarefa que me propunha, [...]: é possível gostar dos *personcontos* sem absolutamente entendê-los" (DELMASCHIO, 2002, p. 58) ou, digo, sem ao menos cair na tentação de perguntar ao poeta: o que você quis dizer mesmo com isso?

¹ GAZU, Pedro. As PERSONABITHs. In: BITH. *Personcontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 115-118.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Aparentemente, o que tornaria uma significância de potencial livre em dócil, implicando talvez um demasiado desperdício de adrenalina. Seria o pular da ponte sem o *body-jumping* ou o saber a corda deste maior que a altura do salto?

Sim, se não partilhássemos, no caso, da erudição do autor, a cada comentário sobre a elaboração da sua produção apontando-nos associações para abordagens dialógicas as mais diversas: cinema, música, pintura, artes plásticas, futebol, ciências e empirias em geral etc.

Pensando na leitura / produção de textos dos *Personcontos*, aproveito a dica: “na sala de aula encontram-se certas diferenças... de percepção. Uma das questões com que se depara o professor de modo mais ou menos insistente à pergunta do aluno – após uma exposição analítica do professor – sobre se o autor, ao escrever aquele texto, tinha consciência de tudo aquilo que foi dito e ouvido”, gerando com isso “pelo menos dois sentimentos opostos e suplementares: desconfiança e atração” (SANTOS, 1989, p. 62).

No que tange a este trabalho, também analítico, a atração acontece também pelo risco do desconhecido, porque trata-se de inédito, pouco trilhado (selvirgem) – também inovador na sua fusão prosa / poema na forma soneto (14 versos decassílabos). Então o comentário, a pedido do autor, sai simultâneo à publicação do livro; na dimensão da desconfiança, não estaria eu, precipitadamente na lida de mineiro da crítica, a garimpar “ouro de tolo”? Mesmo me aliando, talvez em vão, para apostar na qualidade estética da obra, no convívio com o autor e no conhecimento do mesmo como profissional da escrita, leitura e didática literárias.

Ou, ainda, não estaria eu sendo vítima da intimidade em outra dimensão, pois, sendo assim, é notório que o tal, como instituição literária, tem ganho de causa do seu “fingimento” poético e então posso estar levando gato por lebre a ponto de enfatizar, parnasianamente, sua poesia: “Ouro nativo, que na ganga impura /

A bruta mina entre os cascalhos vela...” (BILAC, 1996, p. 240), por conta da relação.

Para tanto, porém, teria eu de ser um péssimo leitor de sua obra – literária e ensaística –, aula e vida, o que não seria de tudo impossível, dada a existência das nuances hermenêuticas no que dizem respeito à “obra aberta” e à “superinterpretação” de textos, conforme lições de Umberto Eco.

Resta-me então a alternativa, esta relegada também a terceiros desconhecidos, que é o embate direto com o texto literário. A busca por uma janela qualquer em que se possa adentrar numa leitura redutora de equívocos, mas não totalmente livre destes, porque ainda especulativa e aventureira.

O livro em si é suporte para cinquenta *personcontos*, intitulados em sua maioria por nomes próprios, o que fomenta uma análise onomástica, como já foi feito extensivamente, por exemplo, tanto na obra de Machado de Assis como na de Guimarães Rosa. Trabalho de pulso que aponto, mas só me atreverei em parte, devido à necessidade para isto de uma meticulosa e extenuante pesquisa, por serem eles muitos e muito intrincados. Aqui, de maneira emblemática, recorto do livro o homônimo ao autor: “Bith” (34), como síntese para o projeto.

Em uma galeria de “personabiths”, o poeta desfia e desfila camaleonicamente por entre nomes que lhe servem de suporte para sua ficção / fricção. Tudo iniciando-se por “uma grande idéia” para transbordar em diversos outros trocadilhos:

Acabo de ter uma grande andréia:
e se você quisesse benjamim?
Feito raimundo ou dó, ré mi, fabíola
(isso tudo é assunto muito sérgio)...

“Assunto” é que não falta entre linhas nominalizadas: suntá-las ou deixá-las latentes cabe à abordagem de cada um. O que não pode passar despercebido é

o alto grau de cumplicidade erótico-textual entre personagens-personagens, personagens-narrador, narrador-personagens, no que concerne às interdições – e a inevitáveis transgressões – de ser sério isso tudo: o lúdico e o enigma (que as reticências vêm sugerir).

A segunda estrofe adverte, de início, para o “linotipo” do texto, dicionarizado: máquina de compor e fundir os caracteres tipográficos por linhas inteiras; ou “linóleo”: espécie de tecido impermeável, hermético. Nada fácil de adentrar, o “coração-bandeira” continua a navegar consentido por “flávio” e “marílias” em um enigmático “são bernardo”: canônico, mas “perdidamente” mundano e ébrio:

Poderia ter lido ali no lino:
meu coração-bandeira é sempre flávio
perdido por aí, um são bernardo
náufrago de garrafas e marílias.

Na terceira, pouco superficial em sua camuflagem “de memelli” ou “dura lex sed lex”, vai-se “orlando / de bandanas, antonios e fernandas” o poeta. Plural:

Profundissimamente de memelli,
meio dura lex sed lex, vou-me orlando
de bandanas, antonios e fernandas.

Grand finale: de “Valdo”, do próprio (“bith”), a “aurélias”, “mig”(uéis), gladsons – “todos copoanheiros”, inclusive os anteriormente citados, um brinde à sua mais freqüente alegoria, àquela da qual mais se vestimenta: “vam’bebel”, babélica por costurar diálogos com todos os seus outros disfarces, além daqueles que só constam aqui, sub-repticiamente : *Evoé, bardo arlequina!*

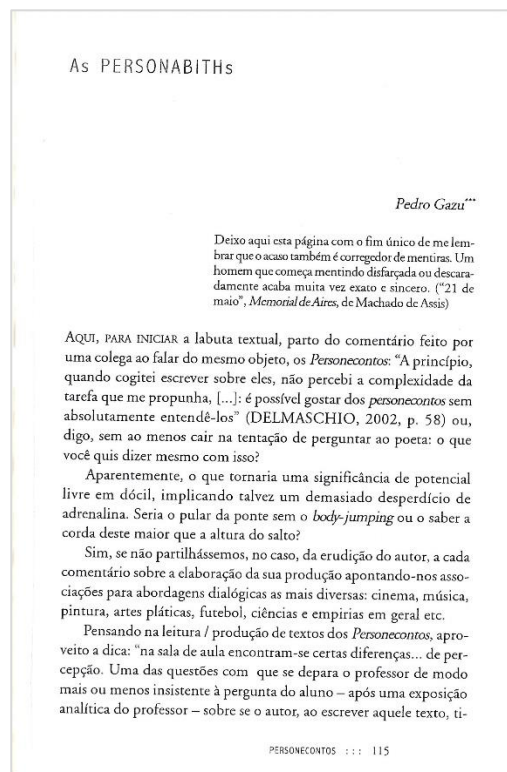
Valdo lá! E o que não coube cá, bith,
bardo falto de aurélias? Vem com mig,
Gladsons, copoanheiros: vam’bebel!

REFERÊNCIAS:

DELMASCHIO, Andréia. Os "personecontos" de Bith: indiferença, dor e tragédia sob a máscara do riso. In: CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de; SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira (orgs.). *Poesia: horizonte & presença*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, 2002, p. 57-65.

OLAVO, Bilac. "Língua portuguesa". *Obra reunida*. Organização: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *A literatura ensinada. Para uma teoria da interpretação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.



Capa de *Personecontos*, de Bith, e a página inicial do texto de Pedro Gazu.